

ESTUDANTES LESTE-TIMORENSES NO BRASIL: NOTAS SOBRE TRAJETÓRIAS SOCIAIS E REPRODUÇÃO DE ELITES

EAST TIMOR STUDENTS IN BRAZIL: NOTES ABOUT SOCIAL TRAJECTORIES AND ELITE PROPAGATION

Fernanda da Costa Côrtes

nandachair@hotmail.com

Formada em antropologia e sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

RESUMO

Este artigo é resultado de um trabalho de campo realizado com estudantes timorenses nos anos de 2009 e 2010 que visa analisar as trajetórias descritas por estes e identificar quais os fatores condicionantes de suas diferenciações sociais no contexto timorense, a fim de compreender parte dos processos de reprodução das elites em Timor-Leste. Além disso, buscou-se compreender a relação existente entre estes estudantes e o contexto de construção da autonomia nacional do país, característico período aqui referido.

Palavras-chave: Identidade. Elite. Colonialismo.

ABSTRACT

This paper is a result of a fieldwork made with East-Timor students in the years of 2009 and 2010 which aims to analyse their trajectories and identify the constraint factors of their social differentiation in the context in Timor in order to understand part of the elite propagation processes in East-Timor. Furthermore, we seek to understand the relation between these students and their country process of nation-building and its autonomy, related to the period mentioned above.

Keywords: Identity. Elite. Colonialism.

INTRODUÇÃO

Este artigo¹ tem como objetivo analisar as relações existentes entre as trajetórias de vida descritas pelos estudantes timorenses presentes no Brasil, nos anos de 2009 e 2010, e o contexto político e social que vêm se estabelecendo em Timor. A intenção foi de identificar os fatores condicionantes desse fluxo migratório e compreender parte dos processos de reprodução e diferenciação das elites deste país. A fim de alcançar tal objetivo, procurei contextualizar o quadro analisado através da observação dos principais fenômenos históricos referentes

à história de formação da nação timorense, tendo em vista a intensidade com que os períodos de colonização na ilha foram e ainda são vivenciados por seus cidadãos. Também busquei entender a maneira pela qual as informações e experiências adquiridas por estes estudantes, ao longo de suas trajetórias pessoais, influem em suas atuações e em suas percepções como sendo participantes do projeto de (re)construção nacional de Timor.

Tendo reconquistado a sua autonomia política em 2002, Timor-Leste, caracterizado como um país de independência recente, hoje passa pelo processo de construção de seu Estado-Nação e de grandes investimentos voltados para este fim. Em um território onde mais da metade da população é analfabeta, a titulação em nível de pós-graduação figura como um capital com grande poder de distinção dentro da estrutura social do país. Desta forma, entende-se aqui os estudantes entrevistados como representantes da elite intelectual timorense. Sendo Timor um território muito pobre, a oportunidade de continuar os estudos não aparece como uma opção para a maioria dos habitantes da ilha.

A fim de situar o leitor quanto à realidade contextual do objeto de estudo desta pesquisa, na primeira parte do artigo procurei expor alguns fatos referentes à formação sócio-histórica de Timor-Leste, assim como optei por ressaltar os elementos inseridos nesse processo que, de fato, exerceram influência significativa na composição do cenário aqui em análise, ou seja, na formação das elites timorenses. Em um segundo momento, explicito as condições da pesquisa, a metodologia utilizada e apresento os dados obtidos com a realização do trabalho de campo. Na terceira seção do artigo, elaborei uma análise destes aspectos, estabelecendo para tanto um diálogo com questões referentes aos mecanismos contemporâneos de recrutamento das elites timorenses e as experiências históricas que são tomadas como significativas pelos estudantes, na atribuição de sentido às suas trajetórias. Por fim, retomo os principais pontos desenvolvidos na pesquisa, elaborando um balanço entre os aspectos observados e resultados obtidos, fazendo também algumas considerações de propostas futuras para continuidade de exploração deste tema.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Timor se caracteriza por dois momentos principais de colonização de seu território: aproximadamente 100 anos de governo português² e 25 anos de ocupação indonésia, esta última sendo a mais recente. Durante o período lusitano, poucos timorenses possuíam acesso à educação. As escolas eram majoritariamente católicas e o ensino geralmente era restrito aos membros das casas nobres, as quais proviam as autoridades políticas (liurais)³ e religiosas locais, catequistas e demais indivíduos que possuíssem algum vínculo com a administração portuguesa na ilha.

O acesso às instituições educacionais portuguesas proporcionou a emergência de um novo segmento social entre as elites locais timorenses. Tal processo deu origem aos assimilados, que, como uma categoria de governamentalidade colonial e, ao mesmo tempo, de diferenciação social entre as elites locais, qualificava os assim classificados como “civilizados”, portadores de hábitos e costumes considerados ocidentais. A conversão ao cristianismo e o domínio da língua portuguesa, bem como a “libertação” dos usos e costumes indígenas, figuram como diacríticos fundamentais dos assimilados. Tais sinais de distinção ainda operam como um diferencial positivo dentro da estrutura social leste-timorense, mesmo após o estatuto do indigenato ter sido abolido, em 1961 (Moutinho, 2000).

Já no período de ocupação indonésia, o acesso a educação se popularizou por meio da implantação de muitas escolas na ilha. Proibiu-se a utilização da língua portuguesa, onde apenas o idioma indonésio (malaio) e os outros dialetos locais, já vigentes entre a população, foram permitidos. No entanto, não só a educação figura como um condicionante da categoria de elite intelectual em Timor. Durante a realização da pesquisa, pude perceber, através da fala de meus interlocutores e da análise de algumas produções literárias timorenses, que o envolvimento no movimento político de resistência nacional, gerado ao longo da ocupação indonésia na ilha, também figura como um elemento importante no mecanismo de diferenciação social. Grande parte dos ex-integrantes da resistência organizada, hoje ocupam cargos relevantes no governo de Timor-Leste, a despeito de suas competências profissionais e qualificação acadêmica.

ESTABELECENDO CONTATO: DESCRIÇÃO DO CAMPO ETNOGRÁFICO

A realização do meu campo etnográfico se deu por meio do desenvolvimento de entrevistas com estudantes timorenses que se encontravam no Brasil, nas cidades de Brasília e Goiânia, entre os anos de 2009 e 2010. O objetivo principal do trabalho foi identificar nos relatos os fatores que proporcionaram, a estes estudantes, condições de dar continuidade aos seus estudos em um país estrangeiro.

Com exceção de uma diplomata timorense, que estava no Brasil aprimorando a sua formação profissional no Instituto Rio Branco⁴ e do filho do Embaixador de Timor-Leste no Brasil, que também estava a realizar um curso de pós-graduação em uma universidade particular, todos os demais entrevistados eram estudantes bolsistas da CAPES⁵, participantes do projeto PEC-PG⁶, correspondendo ao total de onze pessoas. Segundo dados da própria instituição, entre os anos de 2006 e 2009 o Brasil recebeu cerca de 47 estudantes timorenses, todos com bolsas para cursos de mestrado e doutorado. Dentre os por mim entrevistados, a maioria se encontrava na faixa etária entre os 30 e 50 anos e se situavam em Goiânia. Três deles cursavam mestrado na área de química, dois na área de educação e os demais se distribuíam entre os campos da matemática, biologia e geografia, optando por permanecerem na área correspondente as suas graduações. Todos falavam razoavelmente o português, com exceção de um deles que, por não ter conseguido aprender o idioma, teve que retornar a Timor sem concluir o seu curso.

Iniciei a pesquisa estabelecendo contato com os timorenses que se encontravam em Brasília. O primeiro que conheci foi o filho do embaixador de Timor-Leste. Dentre os entrevistados, era o mais novo, tendo 24 anos de idade. Em nosso diálogo, disse estar no Brasil acompanhando a sua família e naquele momento realizava um curso de mestrado, na Universidade Católica de Brasília. Não obstante, pude perceber que a Igreja Católica aparecia como um referencial importante em sua narrativa. Além de descrever uma intensa relação com a religião cristã, relatou que alguns de seus parentes haviam seguido a vida como diáconos e que seu pai havia sido seminarista e estudado durante muitos anos nas escolas portuguesas fundadas em Timor. Disse também ter aprendido português com o seu pai. Realizou a sua graduação nas Filipinas, onde teve a oportunidade de aprender a língua inglesa. No que diz respeito a sua mãe, disse que estava a cursar um mestrado na Universidade de Brasília e que antes de se tornar embaixatriz, trabalhava no Ministério da Educação, em Timor-Leste.

Em outro momento, tive a oportunidade de conhecer a diplomata timorense que estava a se especializar no Instituto Rio Branco. Em seu discurso,

o que mais me chamou a atenção foi a ênfase dada em sua participação na resistência nacional timorense contra a ocupação indonésia. Segundo ela, o reconhecimento atribuído ao seu trabalho de luta naquele contexto, foi o que lhe forneceu oportunidades para alcançar a posição de diplomata. Disse ser uma exceção dentro de sua família, por ter sido a única dentre os irmãos a completar os estudos. Falou ainda que apesar de seus pais serem pessoas “simples”, eles a enviaram à cidade para ter acesso a educação. Nesse período afirmou ter morado com um tio e ter estudado até os seus 14 anos, quando então houve a invasão indonésia. Aqui é interessante colocar que na estrutura social leste-timorense existe uma oposição entre montanha e cidade. A distinção existente entre essas duas esferas vai além da localização territorial. Os primeiros aparecem como portadores dos *usos e costumes*⁷ tradicionais, enquanto os outros se destacam por seus hábitos “civilizados”.

A outra timorense que conheci estava no Brasil, com os quatro filhos, acompanhando o marido, que por sua vez estava cursando uma pós-graduação na Universidade de Brasília. Para melhor aproveitar seu tempo aqui, disse ter iniciado um curso de mestrado nesta mesma universidade. Havia realizado sua graduação na área de agronomia, em uma universidade da Indonésia. Após se formar, retornou a Timor-Leste, onde teve a oportunidade de trabalhar com um grupo de mulheres do campo, ensinando-as técnicas de plantio e aproveitamento da terra. Por este motivo, disse que pretendia realizar seu trabalho de mestrado sobre o papel da mulher timorense na área rural.

Quando estive em Goiânia, pude conversar com todos os estudantes em um mesmo momento. Cientes da minha chegada, reuniram-se em uma casa onde a maior parte deles estava residindo. No início da entrevista, ao explicitar o meu interesse em saber mais sobre Timor-Leste, os estudantes falaram um pouco sobre os costumes de seu país, expondo algumas das diferenças existentes entre seus distritos⁸ de origem, especialmente no que diz respeito à forma de organização social.

Dentre os entrevistados, havia uma senhora, por volta dos seus 65 anos, que dominava de forma segura a língua portuguesa. Em nossa conversa, descobri que, diferentemente dos demais, ela tinha tido a oportunidade de estudar em uma das escolas portuguesas estabelecidas em Timor. A propósito, ela era a única mulher no grupo de estudantes analisado em Goiânia. Tal aspecto me chamou muito a atenção. No entanto, não consegui apreender os fatores que condicionaram essa desproporção na quantidade de estudantes do sexo feminino e masculino.

Com relação ao histórico familiar, todos disseram pertencer a famílias “simples”, sendo seus pais analfabetos e moradores do interior do país. Afirmaram ter passado por um processo de seleção para conseguirem a bolsa de estudos no Brasil. Antes de virem para cá, trabalhavam como professores em Timor-Leste, com exceção de um deles, que trabalhou como tradutor em um cargo no governo do país. Em seus relatos, disseram que o fato de estarem no Brasil é fruto de muito esforço despendido por eles próprios. Acreditam também que ter o domínio do português e inglês foi um fator que os auxiliaram na seleção. Todos eles realizaram a sua graduação em universidades indonésias e também na Universidade Nacional de Timor-Leste⁹.

De maneira geral, os entrevistados disseram que antes da independência os timorenses não tinham liberdade, nem muitas oportunidades de decidir onde continuar seus estudos. Após a independência, Timor-Leste começou a firmar acordos internacionais de cooperação, o que ocasionou a promoção de alguns programas de intercâmbio entre as universidades dos países envolvidos. Assim, surgiu a oferta de muitas bolsas de estudo para o exterior, dentre elas

as bolsas da CAPES. No início, estas eram restritas aos professores universitários. No entanto, após algum tempo, foi disponibilizado o acesso também às pessoas de fora da universidade de Timor-Leste. Dois estudantes entrevistados se inscreveram nessa ocasião e ficaram sabendo da oferta através da divulgação feita na UNTL. Ambos eram professores em escolas públicas secundárias, uma situada em Dili e outra em Viqueque¹⁰.

Outro fato importante relatado pelos estudantes, diz respeito a um curso de português oferecido pela CAPES, no intuito de preparar os timorenses participantes do projeto de intercâmbio. Todos disseram ter tido acesso às aulas. Um deles afirmou que este curso era fundamental para os timorenses que pretendiam estudar no exterior, uma vez que apenas os estudantes de licenciatura possuíam aulas de português na UNTL. Disse ainda que a prioridade de ensino do português, dada principalmente aos professores, é resultado do programa do Estado Nacional de implementação do ensino da língua portuguesa nas escolas de Timor-Leste.

Um dos estudantes, que por sua vez estava realizando mestrado na área de educação, comentou que para os timorenses, hoje, a língua portuguesa não corresponde a um idioma falado, mas sim aprendido na escola e que em suas vidas diárias costumam utilizar o tétum¹¹ ou a língua de seus respectivos distritos, mas quase nunca o português. Segundo ele, alguns timorenses possuem até uma rejeição ao português, uma resistência à utilização do idioma por achá-lo muito complexo, ou simplesmente não se sentem motivados a utilizá-lo. No entanto, ele acredita que o uso do português tende a aumentar conforme o desenvolvimento de Timor-Leste. Por esse motivo, coloca que a população timorense deveria ser melhor conscientizada sobre a importância de se aprender a língua lusitana. Caso contrário, concluiu meu interlocutor, eles próprios ficarão excluídos da sociedade que está a progredir.

Ao narrarem suas trajetórias de vida, todos disseram ter migrado para Dili em meados da década de noventa com o intuito de ingressar no ensino superior, tendo completado, anteriormente, os estudos em seus respectivos distritos. Segundo eles, durante os primeiros anos de estadia na capital, recebiam auxílio financeiro dos pais para se manter. Apesar da difícil situação e da origem humilde (pais analfabetos e camponeses), tiveram o apoio da família e amigos para continuarem os estudos.

Um deles me explicou que, com exceção de algumas famílias privilegiadas como a dos *liurais* e a dos catequistas, que possuíam um status, reconhecimento e respeito social em Timor, grande parte dos timorenses não tiveram a oportunidade de estudar, principalmente durante a colonização portuguesa, quando eram poucas as escolas disponíveis. No entanto, esta situação se reverteu quando a Indonésia ocupou o território timorense. Nesse período, a educação se popularizou. Segundo ele, foi neste momento que os timorenses começaram a perceber a importância do papel da educação, principalmente para o desenvolvimento da nação.

Talvez por esse motivo, muitos pais, após a independência, deram suporte a seus filhos na continuação dos estudos em Díli e em outros países. A propósito, um ponto bastante destacado pelos entrevistados foi a relação mantida com a família. Segundo eles, mesmo morando em distritos separados, nunca deixaram de ir visitar a família no interior, nem de ajudar os pais com as tarefas do campo. No entanto, após concluírem a graduação continuaram a morar em Díli devido às oportunidades de emprego oferecidas na capital. Todos seguiram como professores.

Em outro momento perguntei a eles porque todos vieram estudar na UFG¹². Disseram que, na verdade, isso foi um acaso. Segundo eles, a universidade a ingressar aqui no Brasil é determinada conforme a aceitação de suas cartas de recomendação. Sendo assim, por terem sido aceitos por professores da UFG, foram para Goiânia. Pedi também para que me falassem um pouco de suas experiências pessoais no Brasil, de como estava sendo o período de estudos aqui. Um dos estudantes disse se sentir privilegiado por estar vivendo essa experiência em um país estrangeiro. Afirmou ainda, que o momento lhe proporcionava aparatos para repensar a condição de seu país, pelo fato de estar conhecendo uma outra forma de funcionamento social. Argumentou que Timor-Leste é um país muito pequeno, uma nação que está se abrindo para o mundo internacional agora. Segundo ele, muitos timorenses ainda possuem uma visão restrita da realidade por não terem acesso aos acontecimentos mundiais, a informações que elucidem as diversidades culturais existentes.

Já um outro estudante definiu a sua condição com a seguinte fala: “Estou nadando no oceano dos falantes português. Quem atravessa esse oceano é vitorioso”. Com isso, me explicou que apesar de estar passando por algumas dificuldades com a língua portuguesa, classificou como boa a oportunidade de continuar os seus estudos em um país lusófono e poder aprimorar o seu português, já que este é também um dos idiomas oficiais de seu país. Nesse contexto, também falou um pouco sobre a importância do português para o desenvolvimento de seu país.

A propósito, a ressalva sobre a importância do português para Timor-Leste foi uma constante em grande parte dos discursos de meus entrevistados¹³. Dentre os aspectos mais comentados, citaram a participação do país como membro da CPLP¹⁴. Julgaram este aspecto como sendo de grande relevância, uma vez que representava a conquista de um espaço no cenário internacional, característica essa importante para a promoção de sua nação. Além disso, disseram que Timor-Leste possui uma proximidade muito grande com o que denominaram de “tradição portuguesa”. Segundo eles, esse aspecto corrobora a determinação da língua portuguesa como oficial no país.

Quando questionados sobre seus planos futuros, os estudantes disseram não ter muitas ambições. Segundo eles, a prioridade era concentrar-se na conclusão dos seus respectivos cursos para então retornarem a Timor-Leste, aptos a ajudarem na construção do país por meio dos conhecimentos adquiridos. Chamaram a atenção para o fato de que a maior parte dos estudantes timorenses que hoje se encontram no exterior, são pessoas mais velhas. Segundo um dos estudantes, a juventude timorense atual não possui tanto interesse em sair do país porque, diferentemente da geração anterior que vivenciou uma forte repressão durante o governo indonésio na ilha, eles não foram privados desta liberdade. Explicou-me que os poucos timorenses que tiveram a oportunidade de migrar no período anterior a independência do país, só conseguiram porque possuíam alguma proximidade com o governo indonésio (eram funcionários públicos e em alguns casos integrantes de milícias¹⁵). Comentou ainda que, até o então momento (ano de 2010) em Timor-Leste, as pessoas que possuem maior proximidade com o governo são mais favorecidas.

No que diz respeito a condição de Timor-Leste naquele ano de 2010, todos os entrevistados concordaram que a prioridade nacional deveria ser a de investimentos na educação. Segundo eles, a maior parte dos problemas existentes no país está relacionada com a falta de instrução da população. Eles acreditam que através do fornecimento de educação básica para todos, as principais questões sociais e políticas em pauta no cenário de Timor-Leste, poderiam ser facilmente resolvidas, tendo em vista que grande parte dos problemas atravessados

pelo país se associa, de alguma forma, ao alto índice de analfabetismo e a baixa qualificação dos recursos humanos.

Em outro momento, lembrando alguns instantes da história de Timor-Leste, fizeram referência a crise vivenciada no país em 2006¹⁶ e de quão violento costumam ser os conflitos que lá ocorrem. De acordo com os entrevistados, eles só sobreviveram à crise de 2006 porque eram respeitados pelo fato de serem professores, ponto esse que, a meu ver, corrobora a importância do status atribuído à formação acadêmica em Timor.

Os relatos acima descritos correspondem às partes mais substanciais dos dias de entrevistas que realizei com os oito estudantes timorenses que estavam a realizar cursos de pós-graduação na UFG. Os outros três entrevistados que residiam em Brasília, correspondiam a casos muito específicos e apesar de não terem vindo ao Brasil por meio de programas oferecidos pelo Estado, contribuíram com informações para o desenvolvimento desta pesquisa. Não transcrevi nenhuma parte dos discursos porque ao longo das entrevistas optei por não utilizar gravador, uma vez que os interlocutores se demonstraram tímidos e um pouco incomodados com a ideia de terem suas falas gravadas, até pelo fato de não possuírem uma proximidade confortável com minha pessoa.

ETNOGRAFIA EM AÇÃO: REFLEXÕES SOBRE OS DADOS EM ANÁLISE

Dentre as necessidades existentes na situação de pós-independência em Timor-Leste encontra-se a falta de profissionais especializados no país. Por esse motivo, dentre as medidas desenvolvimentistas adotadas por seus governantes, encontra-se o estabelecimento de cooperações e parcerias com vários países (dentre eles o Brasil), no intuito de aprimorar a formação profissional da população. Sendo assim, muitos timorenses estão tendo a oportunidade de continuar seus estudos no exterior e se qualificarem, a fim de preencherem a demanda por mão de obra qualificada. É exatamente esta parcela da população que procurei representar nesta análise.

A participação em programas de qualificação estabelecidos entre o governo timorense e outras nações, figura como elemento importante dentro do cenário de disputa por diferentes projetos de poder e de identidade para o país. Um dos fatores condicionantes da disputa existente para participar das oportunidades de estudo em Timor, oferecidas pelas parcerias internacionais, diz respeito ao capital simbólico¹⁷ adquirido após a realização de cursos no exterior, além de propiciar melhores cargos no mercado de trabalho.

Nesse sentido, é importante perceber que, ao se submeterem ao processo de migração temporária, os estudantes confrontam a sua realidade com o novo contexto social que passam a experimentar, reagindo e formulando, assim, percepções distintas e amplas sobre as questões sociais de seu país de origem. Não obstante, um ponto importante a ser destacado são as diferentes vivências traçadas por cada estudante em particular. Apesar de compartilharem entre si a nacionalidade timorense, estes possuem peculiaridades muito próprias, específicas de seus distritos e de suas histórias de vida, fator esse que condiciona a forma como cada qual percebe o seu papel e lugar e na estrutura social de Timor-Leste.

Durante a realização das entrevistas, ao entrevistá-los juntamente, uma das preocupações existentes por parte dos estudantes, foi a de estabelecer uma diferenciação entre eles perante a minha pessoa. Ao abordarem temas relativos aos costumes de Timor (não necessariamente de Timor-Leste) ou sobre algum

aspecto referente à condição social do país, sempre delimitavam muito bem a região a qual estavam se referindo. Também descreviam como era a situação nas demais localidades, a fim de delimitar e elucidar os pontos referidos em suas falas. Geralmente os seus discursos se pautavam nos acontecimentos históricos para se contextualizarem. No entanto, ao se referirem as suas trajetórias pessoais, se identificaram entre si através das dificuldades existentes no processo de continuação aos estudos, na necessidade de migrarem para Díli, no fato de serem (quase) todos professores e por terem suas famílias vivendo no interior do país.

Este aspecto, em específico, me fez reconhecer a importância de se considerar os fatos passados como mobilizadores e estruturantes da forma de pensar e interpretar a realidade timorense por parte de seus cidadãos. Ao utilizar em minha análise relatos de vida muito específicos, parto do princípio de que “A vida de uma pessoa é um fenômeno temporal, localizado em um mundo espacializado de ação que a pessoa está construindo e do qual é parte” (DENZIN, 1984, pg.34). Sendo assim, é igualmente importante considerar o lugar de fala de cada um dos interlocutores no intuito de elaborar uma interpretação contextualizada e embasada dos dados, a fim de evitar equívocos e generalizações ao lidar com as informações providas por esses sujeitos, por sua vez, representantes de uma esfera muito específica da sociedade timorense.

É importante dizer também que as instituições e os fatos envolvidos no processo de reavaliação do contexto e da própria condição do papel do indivíduo dentro da dinâmica social são referências centrais no que diz respeito à formação e qualificação dos sujeitos sociais. Sendo assim, podemos observar o objeto de análise desta pesquisa (estudantes timorenses) como fruto desse trânsito de experiências, contatos e relações que são estabelecidas através da convivência com a alteridade, muitas vezes oriundas de fluxos migratórios, da oportunidade de se relacionar com o desconhecido. Daí a importância de se compreender e observar com atenção os processos de colonização aos quais o território timorense foi submetido, uma vez que também dizem respeito a um contexto de intensa relação com algo além da realidade vigente anteriormente ao contato.

Além disso, devemos nos ater ao fato de que parte das pessoas que compõe o conjunto das instituições estatais de Timor-Leste esteve em algum momento no exterior, seja por questões intrinsecamente políticas ou com o intuito de complementar as suas formações acadêmicas. Esse fluxo é algo comum dentro da realidade do país e compõe uma estratégia de aprimoramento profissional de seus cidadãos. Não obstante, esse fator pode produzir disputas quando analisado dentro do cenário dirigente do país. Na verdade, ao retornarem a Timor, essas pessoas trazem consigo uma variedade de informações e conceitos aos quais tiveram acesso em suas experiências de intercâmbio. Por corresponder a vivências singulares, possivelmente, cada um dos indivíduos possui a sua própria percepção de como fazer uso destes conhecimentos no contexto timorense, surgindo daí, potencialmente, a diversidade entre as perspectivas que disputam uma posição significativa na direção do Estado.

Nesse sentido, o contato com o outro opera como fundamental, uma vez que a experiência de diáspora incita reflexões que atravessam o próprio sujeito social, seus costumes e valores, frente ao que está sendo ineditamente vivenciado. É nesse momento que as realidades são reinterpretadas e reconfiguradas por meio das concepções criadas no período de contato com a alteridade. Na verdade, uma realidade pode ser vivida de maneiras múltiplas, a depender de como as instituições, experiências e acontecimentos históricos mobilizam a memória e os afetos de cada indivíduo. Daí a importância da realização de entrevistas com os estudantes timorenses, a fim de levantar dados em suas

trajetórias que dialoguem com a configuração que está sendo dada a dinâmica social timorense.

Na experiência de campo obtida com os interlocutores, a distinção entre os temas abordados em seus discursos deixou nítida a peculiaridade das preocupações correspondentes a cada um deles ao exporem seus projetos futuros. Alguns mais politicamente engajados, outros mais envolvidos com as questões de educação em Timor-Leste. Embora todos eles sob a condição de estudantes estrangeiros, o que os caracteriza é exatamente suas divergências pessoais e a maneira como percebem sua atual posição. Todos eles descrevem uma trajetória de vida humilde, não se considerando como elite, apesar de estarem participando de uma oportunidade privilegiada no que diz respeito à realidade de seu país. Nem mesmo a diplomata e o filho do embaixador, com todo o status que permeiam os títulos de suas posições sociais, se enxergam dessa maneira. Nesse sentido, cabe investigar o que de fato representa a categoria de elite segundo o viés dos timorenses entrevistados.

Sob a perspectiva nativa, o esforço e dedicação pessoal atuam como ponto central de justificação para essa conquista. Igualmente interessante seria perguntar quais as expectativas construídas com a vinda para o Brasil. Na verdade, embora o objetivo dos entrevistados seja aprofundar os estudos em cursos de pós-graduação propostos nos planos de intercâmbio, o que se ganha com os anos de vivência em um país estrangeiro é muito mais que o conhecimento inicialmente oferecido. A convivência com pessoas de valores e hábitos diferentes, propiciam a construção de um viés diferenciado sobre a realidade de seu país, como eles mesmos afirmaram. Os próprios estudantes estruturaram suas falas no reconhecimento das vantagens e da posição privilegiada de estudar no exterior e se tornarem tecnicamente mais capacitados para ajudar na construção de Timor.

Isso dá espaço para pensarmos sobre a amplitude que a noção de pertença nos proporciona. São várias as categorias que permitem o estabelecimento de vínculos variados, sejam eles religiosos, políticos, linguísticos, etc. Por isso também a abordagem sobre fluxos globais com relação ao movimento de pessoas, informações, valores e símbolos é algo que ajuda a compreender os processos de modificações decorrentes do contato, de maneira geral. Segundo Laclau: “as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes visões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (LACLAU, 1990 apud HALL, 2006). Desta forma, ao compreendermos as categorias condicionantes da distribuição social dos sujeitos em Timor-Leste através das informações obtidas nas entrevistas com os estudantes, estaremos aptos a compreender como decorre o processo de diferenciação social contemporânea dentro do cenário de disputas do recente país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os aspectos constatados ao longo da pesquisa, gostaria de retomar os fatores que podem ser entendidos como condicionantes dos processos de formação e reprodução das elites intelectuais, uma vez que dizem respeito a processos recorrentes em grande parte das narrativas apresentadas pelos estudantes timorenses. Um deles diz respeito a migração para a cidade (a capital Díli). Em seus discursos, todos os estudantes (com exceção do filho do embaixador que sempre residiu na capital) afirmaram ter se deslocado de seus distritos até Díli para continuarem seus estudos. Outro aspecto em comum diz respeito ao apoio de parentes e amigos para ampararem esse processo de migração e a empreitada de continuação aos estudos. A participação nas ações e

estruturas da resistência timorense à ocupação indonésia, também figurou como um condicionante na formação de elites, uma vez que muitos de seus membros hoje ocupam cargos importantes no governo do país, como a diplomata entrevistada por mim durante a pesquisa.

Com relação aos elementos apontados com frequência no discurso dos entrevistados, podemos citar a concepção positiva atribuída à língua portuguesa. Embora o manejo do idioma figure como uma dificuldade compartilhada entre os estudantes, a maior parte dos entrevistados destacou a importância do português para o desenvolvimento de Timor-Leste e até mesmo para os cidadãos timorenses, considerando a familiaridade que estes possuem com o que consideram ser a cultura portuguesa. Desta forma, a língua portuguesa aparece, a meu ver, como um pilar da construção da imagem nacional muito importante, por ser ponto de consenso entre os entrevistados e por representar uma via de “progresso” para o país, conforme as concepções destes. Além disso, o domínio do idioma apareceu como aparato diferenciador, considerando que a maior parte da população timorense não possui esta qualificação.

Outro ponto que chama a atenção foi a maneira como a categoria Igreja aparece nos discursos. Com exceção do filho do embaixador de Timor que descreveu uma ligação com o catolicismo em toda a sua vida, tendo estudado em escolas jesuítas e tendo o seu pai e alguns tios sido seminaristas, nos demais discursos, em momento algum a igreja apareceu como um mobilizador de memória importante nas trajetórias de vida dos estudantes. Por outro lado, devemos sempre considerar o papel que esta instituição desenvolveu com a fundação de escolas em Timor e no processo de assimilação do nativo, aqui já comentados. Também é importante observar a peculiaridade da família do embaixador, na qual ele próprio teve a oportunidade de continuar seus estudos, assim como sua esposa e seus filhos. Tal aspecto não é o mesmo no que diz respeito aos estudantes entrevistados em Goiânia, por exemplo, que afirmaram serem seus pais analfabetos e só estavam a realizar seus cursos de pós-graduação devido a oportunidade de bolsas oferecidas pela CAPES, no programa PEC-PG.

A questão histórica sobre a colonização timorense também esteve bastante presente nas entrevistas. Muitos dos acontecimentos ligados a política e situação social do país atuaram como referências fundamentais na descrição das trajetórias pessoais feita pelos estudantes, principalmente os que diziam respeito ao acesso a educação (comparação entre o período indonésio e português). A relação dos estudantes com as práticas sociais locais também figura como um aspecto importante dentro da análise aqui proposta, uma vez que essa aproximação opera quase que de forma contrária quando comparada com a categoria de assimilado,¹⁸ por exemplo. No entanto, não se trata de uma característica estática. Diria que este discurso vem sofrendo modificações conforme as necessidades do governo atual do país. Não por menos, os estudantes se utilizaram de suas “tradições” para descreverem, ao longo das entrevistas, a realidade com a qual se identificavam.

Pelo fato de possuírem um curso superior dentro do contexto timorense, estes estudantes figuram como uma minoria selecionada pelo Estado nacional para direcionarem parte dos investimentos em capital humano, requisito tão importante para o desenvolvimento do país, especialmente na condição recente de nação independente da qual Timor-Leste participa. Pelo que pude perceber, além do fato de disporem de um bom capital simbólico, as elites timorenses também são recrutadas conforme o seu envolvimento político com as questões do país. Alguns timorenses que se dizem parte da resistência foram selecionados para compor a frente dirigente do país, ocupando cargos de grande importância. Esse foi um dos aspectos retratados no discurso da diplomata entrevistada, quando esta alocava alguns dos sujeitos no contexto de sua narrativa.

Por outro lado, há também os timorenses que ficaram exilados durante o período de ocupação indonésia e que após retornarem a Timor, também adquiriram ocupações de responsabilidade no governo.

Outro ponto que gostaria de destacar é a maneira pela qual a experiência no exterior condiciona a forma destes estudantes perceberem e interpretarem a realidade de seu país. Ao terem contato com outras formas de organização social e ao aprimorarem a sua formação como profissionais, estes recebem aparatos que estimulam um repensar das suas próprias condições como cidadãos timorenses, assim como dos métodos aplicados nos diversos setores de desenvolvimento em Timor-Leste. Pude perceber isso ao longo das entrevistas, nas quais alguns dos estudantes, por vezes, faziam referências a maneira pela qual as cidades brasileiras se organizavam, dito isto através de comparações com as cidades de Timor e de sugestões referentes a forma pela qual estas poderiam ser reestruturadas para melhorarem seu funcionamento. A organização das instituições nacionais e do regimento do país passa por esses conhecimentos adquiridos, o que demonstra a importância do papel desses estudantes no exterior e de certa forma, justifica o discurso de responsabilidade para com o seu país, elaborado por eles ao longo das entrevistas realizadas.

Nesse sentido, vale observar quais são as categorias de elite que estão sendo trabalhadas na análise deste caso. Boas condições financeiras nem sempre determinam por completo os componentes do quadro de elites em Timor-Leste. Talvez por se tratar de um país que ainda está se estabelecendo como uma nação independente, outros capitais sejam mais determinantes, como por exemplo, o capital simbólico adquirido pelos estudantes. Além disso, embora não tenha sido constatado nesse estudo, mas em outros, as classificações locais de status também operam de forma significativa no contexto de Timor, como o título de *liurai*, comentado anteriormente. Ou seja, são amplas as vias disponíveis para análise ao se tratar de elites, sendo válido considerar todas elas no desenvolvimento deste estudo.

Outro ponto que me chamou a atenção foi o número muito inferior de mulheres dentro da minha amostra de pesquisa. Tive a oportunidade de conhecer apenas três, cada uma delas com peculiaridades muito próprias. Uma era diplomata timorense que estava a realizar um curso no Rio Branco para aprimorar sua formação. Outra estava no Brasil com os filhos, acompanhando o marido que estava realizando um curso de pós-graduação na Universidade de Brasília. A outra era uma senhora que veio como bolsista estudar na UFG. Dentre os dez entrevistados, apenas um veio ao Brasil como estudante de pós-graduação. Nesse sentido, investigar a relação existente entre a quantidade de estudantes do sexo feminino e do sexo masculino entre os alunos bolsistas pode ser interessante, uma vez que a diferença de gênero também representa um dos aspectos relacionados à formação de elites.

Por fim, gostaria de chamar a atenção para os vários elementos que compõe a categoria de elite. Os aspectos mais ressaltados nos discursos dos estudantes elucidam as possibilidades de recursos que são utilizados como estratégias de diferenciação social, como o domínio da língua portuguesa. Além disso, deve-se considerar o papel desempenhado pelas instituições coloniais na propagação de valores e de uma estrutura que define o que é reconhecido e estimado socialmente.

Nesse sentido, por representarem uma minoria da população de Timor, estes estudantes figuram como uma parcela privilegiada do país. Ao pesquisar a trajetória de vida destas pessoas, busquei identificar os fatores relevantes na promoção de diferenciação social dentro do contexto de Timor. Não obstante, pude observar que a categoria de educação dialoga com as demais esferas

constituintes da concepção de elite em Timor, uma vez que ter completado o ensino superior proporciona efetivamente a participação em setores estratégicos de direção do país.

NOTAS

¹ Trabalho produzido como parte do projeto: Distinções sociais entre elites políticas e burocráticas em Timor-Leste. Um olhar histórico e etnográfico. Orientação: Kelly Silva, Departamento de antropologia – DAN, Universidade de Brasília. Edital 2009 ProIC/CNPq/UnB.

² Apesar de Portugal ter desenvolvido uma relação com o território timorense por quase 500 anos, me refiro aqui apenas ao século no qual houve a ocupação efetiva da ilha por parte da metrópole portuguesa.

³ Termo local atribuído aos líderes políticos tradicionais, chefes de casas muito respeitadas dentro da estrutura social de Timor.

⁴ Instituto fundado em 1945, responsável pela seleção e treinamento dos diplomatas brasileiros.

⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁶ Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Graduação.

⁷ Termos aqui utilizados como categorias nativas e não analíticas.

⁸ Divisão utilizada para delimitar regiões administrativas no território de Timor-Leste.

⁹ Fundada em 2000, com sede na cidade de Dili, capital de Timor-Leste.

¹⁰ Distritos de Timor-Leste, sendo Dili a capital do país.

¹¹ Um dos idiomas oficiais do país, sendo o mais difundido dentro do território de Timor-Leste.

¹² Universidade Federal de Goiás.

¹³ Pensei, talvez, que este aspecto possa ter sido condicionado pelo contexto das entrevistas: timorenses no Brasil, entrevistados por uma nativa de língua portuguesa.

¹⁴ Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

¹⁵ Organização armada de timorenses que lutaram ao lado da Indonésia durante o período de conflitos na véspera do referendo de 1999 em Timor.

¹⁶ Crise desencadeada por uma disputa dentro do exército de Timor-Leste devido a um suposto favorecimento dos soldados do leste do país em detrimento dos antigos integrantes das milícias durante o período indonésio, refugiados em Timor-Oeste e posteriormente integrados no FDTL – Força de Defesa de Timor-Leste.

¹⁷ Entende-se aqui como capital simbólico tudo que venha aprimorar a formação profissional e pessoal do sujeito e que seja, ao mesmo tempo, valorizado e reconhecido dentro da realidade timorense, conforme os valores nesta vigentes.

¹⁸ Categoria social e de cidadania existente durante a colonização portuguesa atribuída àqueles que adotaram costumes ocidentais de vida por oposição aos locais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F.; CANÊDO, Letícia B.; GARCIA, Afrânio; Bittencourt, Agueda B. (Orgs.). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Unicamp, 2004.

BALANDIER, Georges. A noção de situação colonial. In: *Cadernos de Campo*, n. 3, 1993.

BRETES, Maria da Graça. Timor. In: ALEXANDRE, Valentim & DIAS, Jill. *O Império Africano, 1825-1890*. Lisboa: Estampa, 1998.

DENZIN, Norman K. Interpretando *a Vida de Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner*. In: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, 1984.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MANHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- MATTOSO, José. Sobre a identidade de Timor Lorosa'e. In: *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 14, jul/set. 2001.
- MENDES, Nuno Canas. *Como Nasceu o Timor-Leste? Nacionalismo, Estado e Construção Nacional*. CEPESA, 2005.
- MOUTINHO, Mário C. *O Indígena no Pensamento Colonial*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.
- SCHOUTEN, M.J.C. *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society*. Minahasa, 1677-1983. KITLV Press, Leiden, 1998.
- SILVA, Kelly Cristiane da. Elites timorenses e a construção do Estado: projeções identitárias, ressentimentos e jogos de poder. In: SEIXAS, Paulo Castro. ENGELHOFEN, Aone (orgs.). *Diversidade cultural na construção da nação e do Estado em Timor-Leste*. Universidade Fernando Pessoa, 2006.
- SILVA, Kelly Cristiane da. A bíblia como constituição ou a constituição como bíblia? Projetos para a construção do Estado-Nação em Timor-Leste. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto alegre, a. 13, n. 27, jan/jun.2007.
- SOUSA, Domingos de. *Colibere*. Lisboa: Lidel, 2007.
- VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

